

A NOVA MISÉRIA DOS INTELECTUAIS

Monika Maron

Tradução: Márcio Suzuki

Um sermão deve conter frases adequadas. Uma igreja alberga a preensão à eternidade. Não pude resistir, porém, ao esto da atualidade e tornei-me sua presa.

Publicado em *taz*, 6 de fevereiro de 1990.

Quando comecei a escrever este texto, a divergência que escolhera como tema era manifesta, mas dificilmente objeto de discussão pública. Mas eu deveria ter sabido — o tempo passa de um modo diferente nos tempos atuais. Neste ínterim, o papel de importantes escritores e de parte dos intelectuais de esquerda de Oeste e Leste foi proposto como tema de um grande caderno de cultura, e vejo-me ao lado de pessoas com quem até então não me julgara identificada. Ou, dito de outro modo: não partilho a opinião daqueles entre os quais desde então me vi incluída.

Em 1980, quando Günter Grass intercedeu por uma declaração pública em favor do Solidariedade; quando mais tarde rejeitou o convênio cultural entre as duas Alemanhas porque nele via o acordo de burocratas da cultura de ambos os lados; quando abandonou a União dos Escritores, porque não suportara a autoridade política de poder do sindicato, fiquei feliz em saber que minhas opiniões eram também por ele defendidas. Desta vez, no debate sobre a unidade alemã e o teor utópico da convivência dos dois Estados, não partilho sua opinião, mesmo se a considerasse válida como resistência a modismos e excessos nacionais.

Seria preferível ver-me de acordo com Grass, Delius e Heym, do que com uma maioria com a qual até agora me senti tão pouco comprometida quanto com o ditame das pressões circunstanciais. Gostaria de tentar provar por que se trata de uma outra coisa no debate sobre o futuro da RDA, debate que só posso entender como uma discussão acerca do futuro dos seres humanos na RDA. Mesmo que o tom seja polêmico, mesmo que o tema e o tempo em constante supressão de si próprio não permitam que se evitem exacerbações, esta ainda é para mim uma divergên-

cia com pessoas que de modo geral pensam como eu, embora não o façam nesta questão.

Há três meses os alemães anunciaram ao resto do mundo o triunfo sobre sua própria história e acrescentaram, à imagem do revolucionário alemão fracassado, a do revolucionário alemão vencedor. Animados pela vitória sobre o muro e sobre a segurança do Estado; orgulhosos da disciplina e do caráter pacífico com os quais triunfaram, os alemães se perguntavam por que, já que era tão fácil, não haviam chegado a revoluções vitoriosas antes.

Emocionados pela força da palavra de ordem "Nós somos o povo", os escritores da RDA louvaram enfaticamente o povo de seu país pelos primeiros passos dados de cabeça erguida, e empertigaram timidamente a própria coluna arqueada. Mas ao invés de, como se dizia antigamente, comprarem o bilhete de embarque para tomar, revolucionária e legalmente, a estação, desta vez chamaram procuradores públicos, a fim de que estes trouxessem lacres para salvar processos e geladeiras adquiridas ilicitamente.

Com remorso de sua cumplicidade de décadas, os representantes dos governantes derrotados surgiram perante as câmeras e recostaram-se já sem remorsos em assentos doravante livres. E enquanto o povo peregrinava para o lado ocidental através dos portões abertos, os escritores alemães não conseguiam descer do tablado de onde, em meio a palavras de reconhecimento ao povo, mesclavam a promessa do maravilhoso porvir que para breve se anunciava.

Retornando dos passeios, o povo percebeu porém a sua situação e modificou sem cerimônias uma palavra naquela frase que fizera vir lágrimas de comoção aos olhos dos escritores: "Somos um só povo", gritava agora, pelo que deixou de ser louvado pelos poetas. Em lugar do louvor, Stefan Heym, chamado de "Nestor do movimento oposicionista" durante os dias felizes próximos a 9 de novembro, escreveu na revista *Spiegel*:

Depois, quarta-feira de cinzas. Do povo que, após décadas de subserviência e evasivas, se levantara tomando seu destino em suas mãos, e que ainda há pouco parecia erguer o nobre olhar para um futuro promissor, restou uma horda de selvagens que, aos empurrões, corria à Hertie e à Bilka¹ na caça de trastes apelativos. Que expressões não deixavam transparecer ao revirar, com canibal volúpia, prateleiras de ofertas de quinquilharias ocidentais, que lhes eram propositalmente colocadas no caminho; e que paciente submissão não demonstraram pouco antes quando, ordeira e obedientemente, tal como lhes havia sido ensinado em casa, fizeram fila pela esmola chamada, com astúcia e artimanha, de dinheiro de boas-vindas pelos estrategistas da Guerra Fria.

(1) Hertie e Bilka são lojas alemãs-ocidentais. (N. do T.)

A revista *Der Spiegel* paga 3.000 marcos por artigo, no mínimo. O artigo citado era o terceiro de Heym em poucas semanas.

Não digo isso para denunciar os escritores. Também ganho dinheiro escrevendo. É o próprio Heym quem se denuncia nestas frases, ao deixar ver sua aspiração idealista como aquilo que é: arrogância do enfastiado que se enoja com as maneiras de um esfaimado à mesa. Fosse Heym um caso único, eu poderia suportar o desatino e calar-me. Mas ele não é um caso único. Apenas teve a ousadia de recorrer a um tom particularmente duro, apoiando-se em sua auto-suficiência patriarcal e em sua respeitável biografia.

Desta vez, não foi o governo que se desiludiu com o povo, mas os escritores. Mal terminado o ato heróico da Revolução, tiveram estes de constatar que o povo fora às ruas por falsos objetivos, uma vez que não eram os objetivos deles, escritores.

O que os escritores — e com eles muitos intelectuais — queriam, foi por eles trazido a público em seu apreensivo manifesto "Por Nossa Pátria". Sob o título "A Alternativa" (*Entweder — Oder*) evocaram o estado de emergência moral que entregaria a RDA a seus piores inimigos, o Deutsch Bank e a Daimler-Benz, caso não pudesse preservar sua autonomia e com esta, aparentemente segundo a lei, seus ideais antifascistas e humanistas.

Pintou-se, de modo grosseiro e carregado, o velho diabo na velha parede. A troca de quê? — Do socialismo, uma vez mais; mas desta vez, o verdadeiro. Quem não quisesse partilhar essa opinião fazia parte dos liquidantes do pura e simplesmente Bom a preço do pura e simplesmente Mau. Com sua singela divisão do mundo em dois, tal manifesto contribuiu também para o início declarado das hostilidades entre os manifestantes de Leipzig que defendiam a unidade alemã e os que lhe eram contrários. No dia-a-dia político das ruas de Leipzig cumpriu-se aquilo que os escritores revelavam em suas proclamações: a discórdia entre trabalhadores e intelectuais.

O desprezo recíproco tem tradição na Alemanha. E confesso que até o presente havia considerado como o mal maior a hostilidade contra os intelectuais por parte do proletariado alemão e seus partidos estruturados de modo patriarcal. Após ter ouvido e lido o desprezo pelo povo de que são capazes os intelectuais, tenho-me perguntado se a maior parte da responsabilidade pela trágica falta de compreensão mútua não é devida, desde sempre, aos intelectuais.

Na RDA, os escritores eram um grupo particularmente amimado em sua profissão. Com isso penso menos nos privilégios outorgados pelas autoridades do que no respeito geral de que desfrutavam mesmo entre pessoas que não tinham o hábito de ler.

Não era preciso muita coragem, especialmente no caso de autores protegidos pela publicidade (*Öffentlichkeit*), para ver-se cercado pela ima-

gem de heroísmo. E muitas vezes uma meia-verdade era suficiente para, num ambiente de aberta e mesquinha mendacidade, emprestar ao seu autor a fama de profeta.

Mesmo quem estivesse sujeito à censura sabia que era lido com mais atenção na outra Alemanha e também apreciado como fruto proibido em seu próprio país. A moça do correio, o tintureiro, a taberneira por detrás do balcão e mesmo cumprimentos secretos de uma professora nos davam garantia de sua concordância e gratidão quando disséssemos na ZDF ou na RIAS² frases que gostariam fossem ditas.

Cheguei a encontrar flores na porta de meu apartamento e bombons sob o capacho, com as encorajadoras saudações de meus secretos leitores.

Na RDA, todo escritor que não fosse um apologeta e usufrutuário do *status quo* stalinista era sustentado pela veneração, por vezes constrangedora, que seus leitores devotavam à verdade e ao heroísmo. E como quase toda simbiose preservadora de vida neste país era proporcionada pela ausência, o mesmo se dava na simbiose entre leitores e escritores. Num Estado que eleva a ausência de liberdades civis à condição de doutrina, o espaço público proibido se agrega nos canais de comunicação restantes: nos círculos privados, nas igrejas, na arte. O discurso conspirativo torna-se uma forma de resistência. Essas penosas condições deram uma importância única aos escritores e artistas da RDA. Como se fosse algo evidente, acabaram alcançando o direito, e até o dever, de falar em nome da maioria constrangida ao silêncio.

De lá para cá, a maioria readquiriu o direito de falar por si mesma. E agora que está rota a fina cortina da sociedade de exceção, revela-se o profundo abismo entre o povo e os intelectuais.

Enquanto uns insistem na melhora rápida e prática de suas vidas, os outros lutam pela manutenção de sua utopia, o que em si não seria uma calamidade se a utopia de uns — isto é, apenas a sobrevivência de sua utopia — não sacrificasse conscientemente uma vida melhor para os outros e não comprometesse o futuro de 16 milhões de pessoas, como se fossem objetos de uma idéia.

Que visões do futuro têm esses literatos que advertem, num tom de esconjuro, para o fato de que tudo não passa de uma liquidação em prol do capitalismo, embora saibam que tal liquidação vem ocorrendo há décadas? Antigüidades e pavimentos de pedra, armas e filé de carne, duplicatas de museus e bibliotecas, prisioneiros e força de trabalho barata: tudo o que era vendável, foi vendido. E até o que não podia ser vendido: a dignidade e a esperança dos homens.

Que valores desejam que sejam preservados? A comunidade solidária, ouço dizer. — Mas alguém defendeu os moradores de Espenhain para que não morram dez anos mais cedo por causa do ar poluído das indústrias?

(2) *Zweites Deutsches Fernsehen*: Canal Dois de televisão da Alemanha Oriental; *RIAS (Rundfunk im amerikanischen Sektor)*: rádio no setor americano de Berlim Ocidental, captada também no lado Leste.

Quem mais foi expulso com os quatro alunos regulares da escola Carl Von Ossietzky? Ou antes não houve trinta alunos que retiraram sua adesão? Que artistas protestaram publicamente quando Barbel Bohley, Freya Klier, Stefan Krawczyk e setenta outros foram exilados?

Que solidariedade deve ser defendida?

Que está acontecendo com o ideal antifascista, cuja sobrevivência deveria estar ligada à própria existência da RDA enquanto Estado?

Uma polícia secreta dominava, sem controle, a RDA; esta operava a militarização do Estado até nas escolas e jardins de infância; se livros não foram queimados, foram proibidos; a RDA era uma ditadura, não a RFA; e não foi a armada ocidental que invadiu um outro país, mas sim o Exército Nacional Popular da RDA que enviou suas tropas a Praga em 1960; não foi a marinha ocidental que disparou contra barcos pesqueiros poloneses na fronteira teuto-polonesa, mas a Marinha Popular da RDA.

O que leva pessoas cujo ofício é pensar a declararem um Estado com essa história, com uma economia arruinada e uma população desmoralizada, o refúgio de sua utopia? E, o que é mais grave, de onde tiram o direito de poder imputar intenções nacionalistas e ultradireitistas àqueles que não querem seguir sua lógica absurda?

Por que o por mim admirado Heiner Muller profetiza: "Primeiro se dizia: 'Somos o povo'. Depois se disse: 'Somos um único povo'. Depois se dirá: 'Não suportarás nenhum povo perto de ti.'"?

A história alemã justifica toda desconfiança, mas a cisão entre intelectuais e povo também faz parte da história alemã. Fazer calar àqueles que gritam por uma Alemanha unificada como a única esperança de uma vida melhor antes da morte, acenando para a velha culpa na qual o estamento espiritual alemão também tem sua parte, significa querer forçar a história a parar. Significa, de novo, ditadura em nome de uma idéia, como a ameaça da próxima experiência socialista deixa temer. A própria palavra "experiência" dá testemunho da pretensão elitista de tal visão: repetido teste de laboratório tendo pessoas sem liberdade como cobaias.

Sob o estado de choque causado pela história alemã, imbuída do ódio a si mesma e ao povo culpado, a maior parte dos intelectuais de esquerda alemães tornaram-se cegos para a verdadeira restauração de relações alemãs até então funestas, posicionando-se inesperadamente num lado que insistem em considerar de esquerda, o qual de há muito não se encontra em lugar algum.

A Revolução, cujo início ainda aplaudiram, passou ao largo deles e os deixou para trás sem que a compreendessem. A Revolução não foi um ponto de partida para a utopia, mas um salto desesperado do passado para o presente, de uma estrutura autoritária, pequeno-burguesa e feudal, para uma democracia civil aberta.

As queixas contra o falso desenlace da Revolução pressupõem a falsa avaliação dos próprios acontecimentos e, aliás, uma idealização daquilo que hoje é caracterizado como Revolução, mas que começou com a fuga em massa e com a renúncia definitiva a tudo o que estava ligado à RDA.

Tudo começou com o grito: Adeus à RDA e — passando pela frase obstinada: Ficaremos aqui — terminou de maneira conseqüente com a sentença: Chega de RDA. Um conceito como o de Revolução induz manifestamente a uma heroização dos acontecimentos e dos objetivos. No caso da Revolução da RDA, isso acontece na medida em que o papel dos grupos oposicionistas cuja meta era um socialismo democrático é superestimado — não em sua força moral e em sua capacidade de organização, mas em sua presença —, ao mesmo tempo que se minimiza o poder que emanava das massas em fuga, ou que se manifestavam pelo objetivo profano de uma vida melhor.

É tão-somente isso que leva à tese segundo a qual a Revolução teria devorado seus primeiros filhos. Os primeiros filhos da Revolução foram os descendentes daqueles que mais tarde gritaram "Alemanha, pátria única"; os primeiros filhos da Revolução foram os refugiados.

É necessário um segundo equívoco para desejar, de consciência tranqüila, uma RDA como Estado autônomo ou relativamente autônomo, e tal equívoco, guardado como preciosidade pela esquerda alemã ocidental, é o de que exista uma identidade própria na RDA. Se é que existe algo que possa ser mencionado neste sentido, tal identidade consiste no medo: medo da economia de mercado, medo das drogas e da Aids, medo dos estrangeiros, medo do futuro e do fantasma da liberdade. O antigo medo alemão em relação a tudo o que possa ameaçar a segurança e a ordem. Quem deseja ir ao encontro de tais coisas, que feche os portões do muro depois de passar.

Perguntado em que poderia a RDA contribuir para uma convivência — seja qual for a sua espécie — dos dois Estados alemães, Günter Grass respondeu: "Em algo que salta aos olhos de qualquer um que já tenha estado mais vezes na RDA, algo que nos faz falta aqui: um ritmo de vida mais tranqüilo, com mais tempo para as conversas. Uma sociedade interna, em forma de nicho... surgiu por lá, algo honesto como nos tempos de Metternich".

Estou certa de que Grass disse isso de maneira mais amistosa do que me soou aos ouvidos. Para mim, isso quer dizer: permaneceu-se um pouco para trás, mas de modo agradável, lembrando a frase de Günter Gaus: "Na RDA se guarda algo para nós". "Para nós", isto é, para os alemães ocidentais; e o que se guarda é o passado a ser contemplado ao ar livre no museu RDA. Ao elogio da honestidade, Grass acrescenta não saber se ela "acabou com a abertura nas ruas e a abertura para a democracia", porque sabe que um detalhe para o idílio é a pressuposição da sociedade fechada. Mas então a RDA nada teria com que contribuir. Nela nada haveria a ser preservado. A não ser aquilo que pode ter abrigo em todo e qualquer lugar: a esperança na força da razão e a luta pela justiça social e pela democracia, às quais muitas pessoas dão ainda o nome de socialismo, mas eu não.

A utopia vive nas mentes. Acasalada ao poder, torna-se ditadura. Ela é medida da realidade, mas não pode ser realidade.

Monika Maron é escritora na República Democrática Alemã.

Alegro-me com esta época em que já não se pode evocar uma Alemanha contra a outra no debate sobre a utopia; em que todo o gosto pela ação dos utopistas alemães-ocidentais já não pode voltar-se ao pedaço de terra chamado RDA quando a própria cultura lhes pareça imperfeita. Alegro-me em poder estar de novo de acordo com aqueles aos quais me identifico.

Novos Estudos
CEBRAP
Nº 28, outubro 1990
pp-15-21
